

Agência Lusa, 3 Maio

A luta pela igualdade das mulheres no espaço lusófono tem alcançado sucessos, mas há desafios ainda por enfrentar, como a erradicação da excisão, disse hoje em Lisboa a ex-primeira ministra moçambicana Luísa Diogo.

“Eu penso que os países da CPLP não são uma exceção à regra mundial em que há sucessos a celebrar, mas ainda há desafios muito grandes a enfrentar”, disse Luísa Diogo, durante a sua intervenção na II Conferência Ministerial de Responsáveis pela Igualdade de Género da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Lisboa.

“Pensamos, muitas vezes, que alguns assuntos estão ultrapassados, mas continuam latentes, como a questão da violência contra a mulher, que está sempre presente, e alguns problemas relacionados com a Mutilação Genital Feminina”, referiu Luísa Diogo, que agora integra o Conselho de Estado de Moçambique.

“Nas nossas políticas de igualdade de género (de cada país e da CPLP) temos que fazer a abordagem de paragem destas atividades, destes problemas, apoiando atividades de promoção e de discriminação positiva para o avanço da mulher”, indicou a ex-primeira ministra.

Segundo Luísa Diogo, “no caso concreto da Guiné-Bissau (onde há a prática tradicional da excisão), há responsabilidades (da CPLP) a serem seguidas, na questão do apoio para que os guineenses, eles em si, encontrem o melhor caminho para a resolução dos seus problemas”.

O ministro da presidência do Conselho de Ministros, Pedro Silva Pereira, que abriu a conferência, considerou que é necessário os países da CPLP assumam, num trabalho conjunto, “a erradicação de toda a forma de violência contra as mulheres, contra as práticas discriminatórias, incluindo práticas tradicionais que sejam nocivas para estes valores de respeito aos direitos humanos e pela dignidade das pessoas, em particular das mulheres”.

“Não devemos hesitar em trabalhar em conjunto contra este tipo de práticas tradicionais que ameaçam a saúde das mulheres”, disse, por seu lado, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, João Gomes Cravinho.

“As mulheres têm dado passos significativos, nas várias áreas de atividades, na componente política e na componente social, mas a componente económica ainda precisa de muito trabalho”, sublinhou Luísa Diogo.

Segundo a moçambicana, a participação da mulher na área económica “é a mais sensível, porque é esta que determina a capacidade da mulher negociar nas questões ligadas ao VIH/SIDA, nas questões ligadas às outras doenças endémicas, na questão da violência.”

Para João Gomes Cravinho, “as mulheres são uma das maiores vítimas da pobreza, pela falta de emprego, pela falta de acesso à saúde e educação, mas também são geradoras de mudanças”.

A II Conferência Ministerial sobre a Igualdade de Género dos Países da CPLP - “Género, Saúde e Violência”, que decorre até terça-feira, na Fundação Calouste Gulbenkian, é organizada pela Presidência do Conselho de Ministros de Portugal. CSR.

\*\*\* Este texto foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico \*\*\*

Lusa/Fim